

III INTERNATIONAL MEETING OF SOCIOLOGY (ISSOW)
Education, Employment and Retirement: Transitions in risk societies

26th-27th November 2018 :: Faculdade de Letras, University of Lisbon
. Sessão 9 / Session 9

Homens, mulheres, papéis sociais e consumo de álcool

Clara Vital
claravital@fcsb.unl.pt
CICS.NOVA – NOVA FCSH

Casimiro Balsa
cm.balsa@fcsb.unl.pt
CICS.NOVA – NOVA FCSH

Cláudia Urbano
claudia.urban@fcsb.unl.pt
CICS.NOVA – NOVA FCSH

Resumo

Alguns investigadores têm encontrado, a nível internacional, evidências de uma associação entre papéis sociais e a posição social das mulheres e o seu consumo de álcool. Partem da premissa de que a um maior número de papéis está associada uma vida mais estruturada e, portanto, com menos oportunidades de consumir álcool, pelo menos em quantidades mais elevadas. Sucede o mesmo em Portugal? E será que o mesmo acontece com os homens?

Pretendemos aqui examinar a relação de três grandes papéis sociais (parentalidade, estado civil e relação com o trabalho) com o consumo de álcool entre mulheres e homens em Portugal, em contexto de sociedades de risco. Como é que estes três papéis sociais e suas diferentes combinações estão relacionadas, e de que modo, entre homens e mulheres em Portugal?

Serão utilizados os dados do IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral em Portugal. Como variáveis dependentes consideramos o consumo corrente, o consumo de risco e o consumo *binge* de álcool. Informação sobre estado civil, sobre parentalidade e relação com o trabalho será utilizada como indicadores de papéis sociais. São realizadas análises de regressão múltipla para testar se a manutenção de vários papéis está relacionada com o consumo de álcool entre homens e mulheres.

Palavras-chave: papéis sociais, género, consumo de álcool

Introdução

As evidências empíricas quanto à associação entre o consumo de álcool e os papéis sociais, e essas associações entre géneros e culturas, são heterogéneas. A literatura tende a concentrar-se ora na hipótese que assume que um maior número de papéis sociais está associado a uma vida mais estruturada e, portanto, com menos oportunidades de consumir álcool, pelo menos em quantidades mais elevadas; ora na hipótese que postula que a crescente complexidade de múltiplos papéis sociais leva a níveis mais elevados de stress e, portanto, ao aumento do consumo de álcool.

O ponto de partida da presente análise foi a teoria clássica do papel social, que postula que os detentores de um maior número de papéis sociais devem apresentar menores consumos de

álcool. Foram utilizados os dados do IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral, Portugal 2016/17 para testar se os papéis sociais conjugalidade, parentalidade e trabalho remunerado têm uma associação mais protetora ou mais prejudicial relativamente ao consumo problemático de álcool entre homens e mulheres.

Problemática

Um estudo de 2010 (Kuntsche et al), que compara o consumo de álcool em dez países desenvolvidos encontrou evidências que suportam a teoria clássica do papel social, que postula que um maior número de papéis sociais está associado a uma vida mais estruturada e, portanto, com menos oportunidades de consumir álcool, pelo menos em quantidades mais elevadas.

Os papéis sociais são compostos por normas a que está submetida a ação dos sujeitos que ocupam uma posição ou uma função particular num grupo ou numa coletividade. Os papéis sociais caracterizam modelos que, transcendendo as diferenças e as adaptações individuais, servem para orientar a ação dos sujeitos que ocupam uma dada posição. Os papéis sociais que definem a posição social de um indivíduo dentro de um determinado sistema social são baseados em relações duradouras com outras pessoas e fornecem tanto um senso de identidade quanto de orientação comportamental (McCall et al, 1996).

Tem havido nos últimos anos um interesse crescente em como os papéis sociais se relacionam com o consumo de álcool pelas mulheres (Christie-Mizell et al, 2009; Kuntsche et al, 2006; Kuntsche et al, 2010). O género é um dos atributos mais importantes que estruturam a experiência de vida e os comportamentos. Homens e mulheres têm papéis sociais diferentes, estão expostos a diferentes oportunidades e restrições, e têm diferentes recursos, responsabilidades e privilégios (Bird et al. 2008). Esta diferenciação de papéis parece modelar as normas sociais sobre como uma pessoa pode beber álcool assim como as suas oportunidades para beber. As diferenças de género nos padrões de consumo de álcool e as suas consequências sociais, com os homens tendo níveis mais elevados de consumo e de problemas associados ao consumo que mulheres, permaneceram constantes em todas as sociedades e independentemente de mudanças nas relações de género noutras áreas sociais (Neve et al. 1996).

Pretendemos examinar a relação de três grandes papéis sociais – a parentalidade, a conjugalidade e o trabalho remunerado, – com o consumo de álcool entre mulheres e homens em Portugal. Portanto, como é que estes três papéis sociais e suas diferentes combinações estão relacionadas, e de que modo, entre homens e mulheres em Portugal.

Metodologia

São utilizados neste artigo os dados do último Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral em Portugal, 2016/17.

O universo do estudo é a população residente em Portugal Continental e nas Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, com idades compreendidas entre os 15 e os 74 anos de idade (em ambos os casos, inclusive). Está incluída apenas a população residente em casas familiares, ficando de fora a população que reside em instituições (quartéis, conventos, prisões, residências para estudantes ou idosos, etc.), a população que vive em estabelecimentos coletivos (hotéis, pensões, etc.) e a população sem-abrigo.

O desenho amostral segue um sistema de tiragem polietápico, estratificado por conglomerados, com seleção das unidades primárias (municípios) e das unidades secundárias (subsecções estatísticas) de forma aleatória proporcional. A seleção das unidades finais de observação – os indivíduos – realiza-se por sorteio sistemático na eleição dos lares e com recurso a tabelas de números aleatórios para o processo de seleção dos indivíduos dentro do lar.

O questionário deste estudo foi aplicado entre dezembro de 2016 e junho de 2017. Foi aplicado presencialmente com recurso a CAPI.

Obtiveram-se 12 023 entrevistas válidas. A taxa de resposta foi de 57,1%.

Utilizamos para a presente análise uma amostra representativa da população entre os 25 e os 54 anos. Utilizamos este intervalo de idades por considerarmos que aqui a probabilidade de ter pelo menos um filho a cargo é maior, assim como é maior a probabilidade de estar inserido no mercado de trabalho.

Como variáveis dependentes consideramos o consumo corrente de álcool (últimos 12 meses), o consumo de risco de álcool (consumo excessivo em AUDIT C) e o consumo binge (beber pelo menos uma vez nos últimos 12 meses quatro ou mais bebidas numa só ocasião).

Como variáveis independentes consideramos a parentalidade (com ou sem filhos a cargo), a conjugalidade (casado ou em união de facto *versus* outros estados civis: divorciado/separado, viúvo, solteiro), e o trabalho remunerado (empregado *versus* desempregado, reformado, estudante). A informação sobre conjugalidade, parentalidade e trabalho remunerado será utilizada como indicadora de papéis sociais.

Realizamos análises de regressão logística múltipla para testar se a existência e acumulação de vários papéis está relacionada com o consumo de álcool entre homens e mulheres em Portugal. Nesse sentido, foram dicotomizadas variáveis de caracterização da situação conjugal (em conjugalidade ou não), de parentalidade (com filhos ou não) e de empregabilidade (a exercer atividade profissional remunerada ou não). A variável relativa à escolaridade dos indivíduos foi desdobrada em duas dicotómicas, uma referente a níveis de escolaridade inferiores e outra referente a níveis de escolaridade superiores, tendo ambas como modalidade de referência a escolaridade média. No caso da idade, foram construídas duas variáveis com grupos etários – 25-34 ano e 35-44 anos –, tomando o grupo etário mais velho como referência.

Resultados

Nos últimos 12 meses a prevalência de consumo entre a população geral com idades compreendidas entre os 25 e os 54 é de 61,6%. Os homens beberam em maior número que as mulheres (69,7% e 53,5%, respetivamente) tiveram mais consumos de risco (consumo excessivo) (20,7% e 13,3%, respetivamente), e mais consumos binge (15,3% e 9,8%, respetivamente).

No intervalo de idades que consideramos (entre os 25 e os 54 anos de idade) existem mais mulheres casadas ou em união de facto, mais mulheres com filhos a cargo, e menos mulheres no mercado de trabalho com trabalho remunerado, comparativamente aos homens.

Tendo em conta a variável instrução, 54% da população entre os 25 e os 54 anos apresenta até 10 anos de escolaridade. Com nível superior (licenciatura ou mais) são apenas 16%: 15% são homens, 18% são mulheres.

Tabela 1. Características por sexo: conjugalidade, parentalidade, trabalho remunerado, consumo corrente, consumo de risco, consumo *binge*

	Homens (n=2935)	Mulheres (n=2955)	Total (n=5890)
Consumo corrente	69,7	53,5	61,6
Consumo de risco	20,7	13,3	17,0
Consumo <i>binge</i>	15,3	9,8	12,6
Em conjugalidade	55,3	59,8	57,6
Com filhos a cargo	38,5	49,8	44,2
Com emprego	69,9	60,7	65,3

Fonte: IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral (General Population Survey on Drugs), Portugal 2016/2017, CICS.NOVA, FCSH, UNL

Em Portugal, e aqui não podemos deixar de ter em conta os fatores culturais, o consumo corrente de álcool está associado a indivíduos, sejam homens, sejam mulheres, numa relação de conjugalidade e com filhos a cargo. A relação é ainda mais forte para os que têm um trabalho remunerado, principalmente entre os homens e os que têm escolaridade superior. Tendo em conta os grupos etários, os mais jovens estão mais associados ao não consumo, estando, portanto, mais do lado do consumo os que têm entre 45 e 54 anos de idade.

Numa perspetiva comparada, a influência de fatores como a conjugalidade, a parentalidade e a empregabilidade no consumo corrente de álcool verifica-se de forma significativa tanto nos homens como nas mulheres, ainda que a probabilidade de consumo nessas situações seja ligeiramente mais expressiva nos homens.

Ainda relativamente à diferença entre homens e mulheres, um outro fator potenciador é a escolaridade, na medida em que o consumo corrente aumenta nas escolaridades mais altas. A fase da vida, avaliada a partir dos grupos etários, surge como fator protetor do consumo: as probabilidades de consumo, abaixo de zero, apontam para um não consumo corrente nos grupos etários 25-34 e 35-44 anos.

Tabela 2. Regressão logística múltipla para papéis sociais e consumo corrente de álcool

	Homens (n=2935)	Mulheres (n=2955)
Com filhos a cargo	1.56 (1.25-1.94)	1.23 (1.04-1.46)
Em conjugalidade	1.24 (1.01-1.53)	1.19 (1.00-1.41)
Com emprego atual	3.50 (2.92-4.19)	2.76 (2.34-3.24)
Escolaridade baixa	0.91 (0.75-1.09)	0.84 (0.70-1.00)
Escolaridade superior	1.97 (1.44-2.69)	1.23 (0.97-1.55)
25-34 anos	0.76 (0.63-0.92)	0.59 (0.49-0.72)
35-44 anos	0.78 (0.64-0.96)	0.78 (0.64-0.93)
X ²	52,82	82,43
R ²	0,179	0,124

Odds ratio e intervalo de confiança para 95% para a associação entre consumo atual e caracterização social

Bold: p<0.05

Fonte: IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral (General Population Survey on Drugs), Portugal 2016/2017, CICS.NOVA, FCSH, UNL

Testamos os mesmos preditores em consumos diferentes: consumo excessivo e consumo binge.

Relativamente ao consumo excessivo de álcool, ser mulher entre os 25 e os 34 anos parece ser um fator protetor. Não podemos deixar de ter em conta que é neste grupo etário que uma grande maioria de mulheres engravida e amamenta. Estar empregado surge como um fator potenciador de consumos excessivos, tanto para homens como para mulheres, mas principalmente para estas.

Portanto, ao contrário do que acontece no consumo corrente – em que o modelo tanto é estatisticamente significativo nos homens como nas mulheres – aqui ressalvamos o facto de no consumo excessivo a possibilidade de existência de fatores preditores relevantes como o emprego e a baixa escolaridade ser estatisticamente significativa nos homens e particularmente nas mulheres, mas a idade (sobretudo a idade de procriação - 25-34 anos) ser significativamente protetora do consumo excessivo nas mulheres. No caso dos homens acresce que a baixa escolaridade se constitui também como um fator de risco da existência de consumo excessivo.

Tabela 3. Regressão logística múltipla para papéis sociais e consumo excessivo de álcool

	Homens (n=2935)	Mulheres (n=2955)
Com filhos a cargo	1.20 (0.96-1.49)	0.86 (0.68-1.09)
Em conjugalidade	1.04 (0.83-1.30)	1.12 (0.88-1.43)
Com emprego atual	1.90 (1.51-2.39)	2.30 (1.78-2.96)
Escolaridade baixa	1.61 (1.30-1.99)	1.11 (0.87-1.42)
Escolaridade superior	1.04 (0.76-1.41)	0.73 (0.52-1.02)
25-34 anos	0.88 (0.70-1.12)	0.62 (0.47-0.83)
35-44 anos	0.84 (0.68-1.04)	0.93 (0.72-1.19)
X ²	32,39	13,88
R ²	0,038	0,041

Odds ratio e intervalo de confiança para 95% para a associação entre consumo excessivo e caracterização social

Bold: p<0.05

Fonte: IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral (General Population Survey on Drugs), Portugal 2016/2017, CICS.NOVA, FCSH, UNL

Viver em conjugalidade parece prevenir o consumo *binge*. Existe uma maior possibilidade de não ocorrência de consumos *binge* nos casados ou a viver em união de facto. Mais uma vez, estar empregado tem uma relação positiva com os consumos, neste caso os consumos *binge*, tanto para homens como para mulheres. Esta leitura é particularmente evidente nas mulheres.

Tabela 4. Regressão logística múltipla para papéis sociais e consumo binge

	Homens (n=2935)	Mulheres (=2955)
Com filhos a cargo	1.10 (0.86-1.42)	1.20 (0.91-1.58)
Em conjugalidade	0.78 (0.60-1.00)	0.72 (0.55-0.95)
Com emprego atual	1.91 (1.48-2.48)	1.49 (1.13-1.97)
Escolaridade baixa	1.15 (0.91-1.50)	0.85 (0.64-1.80)
Escolaridade superior	1.06 (0.76-1.46)	1.29 (0.80-1.49)
25-34 anos	0.95 (0.72-1.25)	1.10 (0.80-1.49)
35-44 anos	1.21 (0.95-1.53)	1.10 (0.81-1.48)
X ²	12,84	16,26
R ²	0,020	0,018

Odds ratio e intervalo de confiança para 95% para a associação entre consumo *binge* e caracterização social

Bold: p<0.05

Fonte: IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral (General Population Survey on Drugs), Portugal 2016/2017, CICS.NOVA, FCSH, UNL

Conclusão

Estes resultados parecem apontar na direção do postulado da teoria clássica dos papéis, ou seja, um maior número de papéis sociais está associado a uma vida mais estruturada e, portanto, com menos oportunidades de beber muito. Relativamente à questão sobre como os papéis sociais estão relacionados com os consumos femininos e masculinos de álcool, verificou-se que a relação com o consumo atual, mas principalmente com o consumo excessivo e com o consumo *binge*, varia em função dos papéis ou em função de combinações específicas de papéis sociais. Assim, ter um trabalho remunerado está relacionado com o consumo atual de álcool quer para homens quer para mulheres. Com relação aos outros dois papéis, parentalidade, conjugalidade e idade habitual para a gestação/conceção/amamentação, verificou-se que as mulheres com um marido/companheiro e com crianças a cargo são menos propensas a serem bebedoras excessivas

ou de terem consumos binge, enquanto os homens o fazem a partir da “interferência” de outros fatores, não tendo estes um potencial protetor suficientemente expressivo.

Como pistas para futuras análises, seria interessante realizar uma regressão linear com as quantidades e com as frequências de consumo de álcool.

Os papéis sociais que definem a posição social de um indivíduo dentro de um determinado sistema social são baseados em relações duradouras com outros indivíduos e fornecem um senso de identidade e orientação comportamental. Interessaria, então, tentar através do recurso a um estudo de cariz mais qualitativo, com recurso a entrevistas em profundidade, captar nos discursos dos indivíduos a(s) forma(s) como se posicionam nos diferentes papéis sociais e a sua relação com o álcool.

Referências

- Balsa, Casimiro, Clara Vital, Cláudia Urbano (2018), IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral, Portugal 2016/17, Lisboa, SICAD, ISBN 978-989-99574-9-7, Disponível em http://www.sicad.pt/BK/EstatisticaInvestigacao/EstudosConcluidos/Lists/SICAD_ESTUDOS/Attachments/181/IV%20INPG%202016_17_PT.PDF
- Bird, Chloe, Patricia, Rieker (2008), *Gender and Health: The Effects of Constrained Choice and Social Policies*, New York, Cambridge University Press.
- Christie-Mizell, C., Peralta, Robert (2009), “The gender gap in alcohol consumption during late adolescence and young adulthood: Gendered attitudes and adult roles”, *Journal of Health and Social Behavior*, 50(4), 410–426.
- Kuntsche, Sandra, Gmel, Gerhard, Knibbe, Ronald, Kuendig, Hervé, Bloomfield, Kim, Kramer, Stephanie, Grittner, Ulrike (2006), “Gender and cultural differences in the association between family roles, social stratification, and alcohol use: A European cross-cultural analysis”, *Alcohol and Alcoholism*, 41(Suppl. 1), i37–i46. doi:10.1093/alcalc/ agl074.
- Kuntsche, Sandra, Knibbe, Ronald, Gmel, Gerhard (2010), “Social roles and alcohol consumption: A study of 10 industrialised countries”, *Social Science and Medicine*, 68, 1263–1270.
- McCall, George, Simmons, Jerry (1966), *Identities and interactions*, New York, NY, US: Free Press.
- Neve, Rudie, Drop, Maria, Lemmens, Paul, Swinkels, Henk (1996), “Gender differences in drinking behaviour in the Netherlands: convergence or stability?”, *Addiction*, 91, 357–373.